

Reflexões em torno das duzentas milhas.

No instante destas reflexões a frota inglesa lançou uma zona de duzentas milhas em torno das Malvinas, no interior da qual ameaça destruir todo veículo argentino. As reflexões não se aventuraram a penetrar a zona, embora não sejam argentinas. Limitaram-se a contornar prudentemente os limites impostos ex-imperialisticamente. Para fazê-lo, atravessaram, no mapa, a página toda, para fixarem-se em ponto marginal mal perceptível sem olhos, e marcado Falkland Is., (Br.). Ponto este que se encontra em região que as reflexões normalmente sobrevoam em direção da mancha branca marcada Weddell Sea, a qual convida as reflexões a sonharem com aventuras. E a invejarem os nossos avós, para os quais o mapa continha numerosas manchas brancas convidativas a sonhos. Tal falta atual de manchas brancas é uma das causas da atração exercida sobre as reflexões pelo ponto mal perceptível.

Como não há mais espaço no mapa que possa ser marcado por "hinc sunt leones", e como todo espaço está atualmente marcado por "hinc sunt homines", as reflexões se vêm obrigadas a girarem em torno de pontos humanizados de superfície terrestre. Não é mais a Terra que interessa, porque esta está encoberta pelo musgo humano, mas o que interessa é o homem. Por isto não mais pode haver imperialismo, esse engajamento no aumento do orbis terrarum. O círculo das terras fechou-se. A terra está esgotada, e o movimento ecologista procura artificialmente a reanimá-la. Por onde quer que a reflexão divaga, esbarra contra gente. O humanismo tornou-se inevitável. Mas sejamos mais exatos. No ponto mal perceptível, do qual tratam estas reflexões, estas não esbarram contra 1800 pastores escoceses. Isto seria exagero em situação na qual o musgo humano é contado nos bilhões, e não nos milhares. As reflexões esbarram ~~xxxx~~, no ponto mal perceptível, contra os limites mal perceptíveis do conceito "cultura".

Lá em baixo, na vizinhança de Antarctica, a cultura ocidental se vê atualmente confrontada com outra, a qual se diz "ocidental" também, mas a qual repousa, não obstante, sobre valores diferentes. Tal confusão do rótulo "ocidental" torna as Malvinas, tão enfadonhas em si, apaixonadamente interessantes. Na superfície terrestre, atualmente tão ocupada, numerosos são os pontos, nos quais diferentes culturas se chocam, e sobretudo nos quais se choca a cultura ocidental com culturas diferentes. As Malvinas são o primeiro ponto no qual se choca a cultura ocidental com cultura que não se quer diferente. Isto obriga as reflexões a repensarem o essencial, o "eidos", do Ocidente. Até que ponto se justifica o rótulo "ocidental" no caso da cultura argentina, (e, por extensão, da cultura latino-americana), e até que ponto tal cultura é "nova", autonomizada do Ocidente? Pergunta que pode contribuir para a autoconsciência tanto do "velho" Ocidente, quanto do "novo".

Não pode haver dúvida que nas Malvinas se chocam duas culturas diferentes. Cultura da culpa, ("guilt culture"), com cultura da vergonha, ("shame culture"). Os pretensos motivos dos ingleses são a "responsabilidade" pelos falklanders, e a "responsabilidade" é categoria da culpa. E os pretensos motivos dos argentinos são a "honra nacional", e "honra" é categoria da vergonha. Por certo: os verdadeiros motivos são outros. Os ingleses procuram demonstrar que, a despeito de sua decadência, ainda devem ser tomados em consideração nas decisões futuras. E os governantes

Argentinas procuram desviar ideologicamente a tensao revolucionaria da sociedade. E, por detraz de tais verdadeiros motivos ha outros, economicos, geopoliticos, parcialmente inconfessos. Mas isto nao diminui a importancia dos motivos pretensos. E neles que se espelham os valores profundos da cultura.

A cultura ocidental, tal como surgiu da sintese entre judaismo e helenismo, e tipica cultura da culpa. Um dos seus conceitos fundamentais e o de pecado. O homem ocidental nasce culpado, ("pecado original"), e precisa ser redimido. E, paradoxalmente, embora nasce culpado, e ele responsavel por sua culpa. Precisa "assumila". Quem melhor articulou esse clima absurdo da existencia ocidental foi Kafka. Esse clima patologico da culpa onipresente, essa "moral do rebanho", com seus valores da responsabilidade, da humildade, de sacrificio, distingue a cultura ocidental tanto da cultura romana, quanto das culturas barbaras, ("heroicas"), precedentes. Por certo: havia, no contexto ocidental, como que ilhas da vergonha. O exemplo mais evidente e a cavalaria medieval, com sua honra e seu heroismo. Mas ate tais ilhas orgulhosas eram constantemente infiltradas pelos valores "catolicos": o cavaleiro se inclinava humildemente em "homenagem" ao suzerano. E os valores da vergonha, (orgulho, honra, brio), eram sempre considerados "mafiosos", anacronicamente primitivos. Por isto e erro querer fazer paralelo entre a cavalaria ocidental e o espirito samurai, que esta atualmente ameaçando o Ocidente.

Outro e o caso da cultura latino-americana nascente, com seu machismo, seus caudilhos, sua altanaria. O clima existencial que permeia tal cultura e o da vergonha de ser a sociedade objeto de decisoes e manipulacoes do Ocidente. De maneira que Nietzsche esta enganado quando afirma ser a "moral do rebanho" consequencia de ressentimento. Consequencia de ressentimento e a "moral do machismo". E isto e especialmente verdade no caso argentino, sociedade que ja foi definida como italiana que fala espanhol e que se toma por ingleza. Pois e impossivel querer considerar tal cultura da vergonha como "primitivismo". E ela resposta dialectica a cultura da culpa ocidental, e procura supera-la. Os valores "machistas" nao sao apenas uma maneira do homem emancipar-se da coisificacao por parte do Ocidente, mas sao ainda uma maneira de afirmar-se no alem do Ocidente. A cultura latino-americana nascente e cultura de vergonha trans-ocidental, a qual contem a cultura ocidental no seu intimo, mas a qual procura elevar tal cultura a nivel "novo".

Pode se objetar, evidentemente, que com tal elevacao se perde a essencia do Ocidente. Um unico exemplo, mas exemplo decisivo. A America Latina e tida como catolica, com efeito como um dos ultimos redutos da Igreja. Pois os valores da vergonha sao inimigos do cristianismo. O qual afirma nao haver pecado maior que o de carregar a cruz com orgulho. De maneira que e possivel afirmar-se que, a despeito das aparencias, a cultura latino-americana nascente e anti-crista por sua essencia mesma. Mas tal objecao menospreza a flexibilidade do cristianismo, e do Ocidente como um todo. E possivel mudar-se a cultura ocidental em seus aspectos mais fundamentais, e nao obstante conservar-se um nucleo que permite falar-se ainda em Ocidente. Em tal sentido se justifica o rotulo "ocidental" no caso da cultura latino-americana. A questao que se poe e pois esta: qual e o nucleo que se conserva, a despeito da substituicao da culpa pela vergonha? Questao decisiva, esta.

-3-

Se opormos a cultura ocidental as precedentes e contemporaneas, (sobretudo as orientais), verificamos que esta, toda ela, centrada sobre o homem enquanto sujeito de um mundo objetivo. Em todas as demais culturas a distincão entre o sujeito humano e o mundo no qual vive, e a distincão entre os sujeitos humanos que perfazem a sociedade, não é radical, se é que esta sendo feita. E nas culturas orientais, no hinduismo e no budismo, tal distincão é tida por ilusoria, e esta sendo afirmada a unicidade indivisível da realidade concreta. Pois tal insistência sobre o homem enquanto sujeito, ("alma"), que vivencia, conhece e manipula o mundo objetivo e responsável pela ciência, pela política, e pela arte do Ocidente. E é sobretudo a ciência ocidental, essa adequação do intelecto humano ao mundo, que distingue o Ocidente das demais culturas, e que lhe conferiu, provisoriamente, a supremacia sobre as demais culturas. Podemos pois supor que tal insistência sobre o homem enquanto sujeito esta no próprio núcleo do Ocidente, que é este o seu "eidos".

Bem considerada, tal visão antropológica independe da divisão das culturas em culturas da culpa e as da vergonha. Por certo: historicamente, no curso dos últimos dois mil anos, o homem enquanto sujeito do mundo e também o homem culpado. Mas é perfeitamente possível imaginar-se um sujeito do mundo envergonhado. Isto é possível, porque o "pecado", essa expulsão do homem com relação ao mundo, essa sua "alienação" originária, pode tanto ser concebido culpa, como vergonha. Alias, a ideia da vergonha esta implícita no conceito do pecado, por exemplo no valor da virgindade, e no do repúdio a nudez do corpo. De maneira que é perfeitamente concebível outra cultura ocidental, que não a historicamente conhecida, e que seja cultura da vergonha. E tal cultura ocidental jamais vista ~~até~~ até hoje pode perfeitamente estar nascendo na América Latina, e confrontando, nas Malvinas, a velha cultura ocidental da culpa.

Admitidamente foi vertiginoso o giro das reflexões em torno das duzentas milhas que cercam as Malvinas. O ponto no mapa mal perceptível tornou-se centro de toda uma cultura em crise. Mas não se diga que as reflexões, por vertiginosas que sejam, não se apoiam sobre a realidade. Ferem a realidade mais imediatamente que o fazem reflexões aparentemente mais pedestres, como as que afirmam que nas Malvinas se confronta a hipocrisia da má consciência com machismo irresponsável. O fato é que as Malvinas se tornaram, por acidente histórico, (mas que é "ocidente" senão o próprio tecido da história?), um dos centros da crise do Ocidente. De maneira que seria útil para o Ocidente "velho" conscientizar o fato, em vez de ridicularizar o evento. E seria útil para o "Ocidente" "novo" conscientizar as implicações do fato, em vez de focalizar apenas as suas consequências imediatas possíveis. Seria útil que os dois Ocidentes se reconheçam mutuamente como tais, em vez do "velho" negar a ocidentalidade do "novo", e o "novo" negar sua novidade.